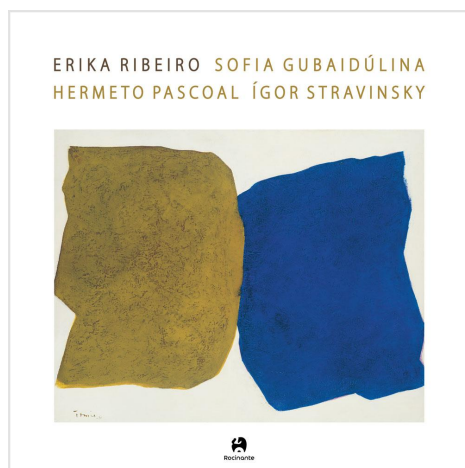


## ERIKA RIBEIRO, SOFIA GUBAIDÚLINA, HERMETO PASCOAL E ÍGOR STRAVINSKY

Nos dias de hoje, as transcrições são um artifício que costuma ser empregado para alargar o repertório de instrumentos que não foram contemplados pelos compositores canônicos da História da Música. Antes da difusão das tecnologias de gravação, contudo, a transcrição era uma prática muito mais disseminada, e até corriqueira no instrumento para o qual esses mesmos “compositores canônicos” mais escreveram – o piano. Virtuoses do teclado transpunham sistematicamente para suas 88 teclas as árias das óperas mais célebres, as obras-primas do repertório sinfônico – ora procurando fielmente reproduzir-lhes a linguagem, ora embelezando-as com os recursos específicos da técnica pianística. Ao propor suas transcrições – retratos em branco e preto de obras escritas para outras formações –, Erika Ribeiro reconecta-nos à chamada Era de Ouro do piano, renovando uma tradição brilhante dentro dos novos parâmetros do terceiro milênio.



Esse disco foi gravado em 2021, em meio a tributos prestados pelo mundo inteiro aos 50 anos de falecimento do compositor-síntese do século XX: o russo Ígor Stravinsky (1882-1971). Nascido em Oranienbaum, morto em Nova York, enterrado em Veneza, e tendo residido na Suíça e na França, Stravinsky foi cosmopolita como a São Petersburgo em que passou seus anos de infância e formação. As transcrições de Erika refletem o caráter camaleônico e multifacetado de seu talento.

Stravinsky abalou o planeta com sua *Sagração da primavera*, estreada pelos Ballets Russes em Paris, em 1913. Enquanto trabalhava na orquestração da partitura que seria seu passaporte para a posteridade, o compositor musicava *Três poesias da lírica japonesa*, a partir de versos de Yamabe no Akahito, Mazatsumi Miyamoto e Ki no Tsaraiuki, que ele conheceu em tradução russa. Inspirado pelo *Pierrot Lunaire*, do compositor que é considerado seu antípoda na música do século passado, Arnold Schönberg (1874-1951), ele escreveu as obras originalmente para voz e pequeno grupo de câmara: duas flautas, dois clarinetes, quarteto de cordas e piano.

Em sua autobiografia, *Chroniques de ma vie*, o compositor conta que os versos causaram-lhe uma impressão “que apresentava uma semelhança impressionante com o efeito produzido pela arte da estampa japonesa. A solução gráfica dos problemas da perspectiva e de volume que se via neles incitavam-me a encontrar algo de análogo na música”.

As *Quatro canções russas* são um pouco posteriores, escritas em 1915–1918. Stravinsky narra: “conheci uma cantora croata, Madame Maja de Strozzi-Pécic, que tinha uma bela voz de soprano. Ela me pediu para compor algo para a sua voz, e escrevi, sobre textos populares, meus *Quatre chants russes* traduzidos por Ramuz”. C. F. Ramuz (1878-1947) foi o escritor suíço que trabalhou com Stravinsky em obras como *História do Soldado*, *Les Noces* e *Renard*. Destas, Erika escolheu três: *Pato (dança de roda)*, *Solo* e *Canção de seita*. De um outro ciclo do mesmo período e com o mesmo nome, ela tomou *Gansos, cisnes*.

Originalmente pensadas para voz e piano, as *Quatro canções russas* mereceriam, em 1954, instrumentação do próprio compositor para grupo de câmara. Quando orquestrou as *Quatro canções*, Stravinsky já tinha abandonado o idioma neoclássico que o caracterizara por mais de três décadas, e abraçado, surpreendentemente, o dodecafonismo de Schönberg. Exemplo de seu novo credo é o *Epitáfio*, originalmente para flauta, clarinete e harpa, que ele compôs em 1959, em memória do príncipe Max Egon zu Fürstenberg, patrono do festival de Donaueschingen, no sudoeste da Alemanha, que recebera o compositor em 1957 e 1958.

Quem acompanha a carreira de Erika Ribeiro sabe que seu amadurecimento como artista passou muito pela descoberta da música brasileira e sua identificação cada vez maior com esse universo, acima de rótulos e fronteiras de estilos. Assim, em um disco dela não poderia faltar música do Brasil, e o privilegiado escolhido, dessa vez, foi o “bruxo dos sons” das Alagoas, Hermeto Pascoal. *Série de arco* nasceu de uma curiosa encomenda de Jovino dos Santos Neto, pianista de seu grupo: uma obra para que a irmã de Jovino pudesse utilizar em sua coreografia da série de arco de ginástica rítmica. Hermeto e Jovino viram a coreografia da ginasta, cronometraram-na, e daí surgiu a primeira versão da peça, para piano solo. Ao ser gravada, em 1982, no LP *Hermeto Pascoal e grupo*, a obra teve a instrumentação ampliada, para contemplar o conjunto de Hermeto. Assim, ao executá-la somente ao teclado, Erika como que restaura sua sonoridade original.

Outro compromisso de Erika é com a música das mulheres compositoras, e aqui ela defende uma das mais brilhantes: a russa Sofia Gubaidúlina, cujos 90 anos são celebrados em 2021. Sua produção para teclado é relativamente escassa: apenas cinco obras. Os *Brinquedos musicais* datam de 1969, tratando-se de um ciclo de 14 breves miniaturas, que a própria compositora definiu como “dedicatória tardia à própria infância”. Pelo tipo de demandas técnicas que coloca ao intérprete, trata-se menos de obras para serem tocadas por crianças do que peças que lidam com o universo infantil, de caráter fortemente evocativo, e com a originalidade e inventividade que caracterizam a produção de Gubaidúlina.

– *Irineu Franco Perpetuo*